

# COMTEMPO

Edição nº 7 | setembro a novembro de 2019



**VIOLÊNCIA  
OBSTÉTRICA**

# MAS, E O PT?

**E**stamos há quase 300 dias do governo Bolsonaro e a pergunta que não quer calar (lá do lado dele) é: Mas, e o PT?

A menina Ágatha Félix, de apenas 8 anos, levou um tiro nas costas, disparado pela polícia no Complexo do Alemão. Mas, e o PT?

O desemprego no Brasil cai 0,7% no segundo semestre, de acordo com o IBGE. Cai junto com a renda média, se tornando mais comuns os empregos sem vínculo e análogos à escravidão. Mas, e o PT?

O Brasil é campeão de casos de depressão na América Latina e quase 6% (ou quase 11,5 milhões de pessoas) sofrem com a doença. A cada 45 minutos, uma pessoa comete suicídio no país. Mas, e o PT?

A Violência Obstétrica foi retirada este ano, pelo Ministério da Saúde, do vocabulário médico deixando ainda mais mulheres vulneráveis a maus tratos durante o parto. Mas, e o PT?

Todos esses fatos passaram por nossos olhos e passaram pela redação da ComTempo em apenas alguns meses. E fazem 3 anos que o PT não está no poder.

Mas a culpa por todo o regresso, por todo brasileiro que se mata ou que morre, seja qual for o motivo literal ou não, continua sendo desse personagem

quase folclórico criado pelo conservadorismo que voltou mais assustador que suas próprias lendas.

E o Brasil não muda, não melhora. E a gente consente.

Por medo, culpa ou simplesmente por ver no sofrimento do outro (lê-se minorias) uma satisfação própria, quase psicopata.

Quando que os responsáveis por essas situações vão parar de se esconder atrás de um mito? Quando que nós, brasileiros, encantados por contos de fadas modernos cheios de falsas promessas, vamos continuar permitindo que um mito seja praticado como verdade?

Em mais um exemplar que vem forte como um grito capaz de despertar, a ComTempo dá boas-vindas a você, leitor, para esta sétima edição, que suplica para ser lida com olhos atentos e consciência ativa.

Boa leitura!

## ERRATA

Na última edição do nosso Personagem, cuja estrela foi a incrível Wallie Ruy, cometemos um erro quanto à sua data de nascimento. Ao invés de 5 de março de 1983, veiculamos a data de 30 de março de 1983. Lamentamos o equívoco.

**IDEALIZAÇÃO** - GABRIELA BRACK, JOSÉ PIUTTI, KIMBERLY SOUZA E MARCOS PITTA

**EDIÇÃO E COORDENAÇÃO DE CONTEÚDO** - KIMBERLY SOUZA

**EDIÇÃO E DIAGRAMAÇÃO** - MARCOS PITTA

**EDIÇÃO E SUPERVISÃO DE CONTEÚDO** - GABRIELA BRACK

**EDITOR E COORDENADOR DE MÍDIAS SOCIAIS E AUDIOVISUAL** - JOSÉ PIUTTI

**CRIAÇÃO E IDENTIDADE VISUAL** - MARÍLIA TOFFOLI E HENRIQUE ESCHER

**CRIAÇÃO** - PEDRO LEAL

**EDITORA E PRODUTORA DE CONTEÚDO WEB** - MARIANA VALVERDE

**EDITORA AUDIOVISUAL** - JÉSSICA ALVES

**PRODUTORA E EDITORA DE CONTEÚDO PARA REDE SOCIAL** - LÍVIA FURLAN

**ATENDIMENTO E PRODUÇÃO INTERNA** - CAROLINA ANGELIS

**COLABORADORES** - BRUNA CORREA, JOSIANE SANTOS, BRUNA CAGNIN E RODRIGO FOLTER

**COLABORADORES DE OPINIÃO** - ANGELO SASTRE, VERÔNICA MACHADO, ARTHUR FACHINI

FALE CONOSCO:

revistacomtempo@gmail.com

Os artigos que levam a retranca 'OPINIÃO' são de inteira responsabilidade de seus autores.

COM  
TEMPO



# (AD) MIRÁVEL

## jornalismo novo

O jornalismo ou a prática do jornalismo é um tema tão recorrente como futebol, política ou religião, principalmente, em tempos onde termos como “fake news”, “pós-verdade”, “influencers” e outros estão na moda e no vocabulário popular.

O interessante é que o jornalismo (ou a prática dele) assim como o futebol, política ou religião, alimenta o imaginário de que qualquer pessoa é “especialista” no assunto, com direito a fazer análise, definir estratégias, avaliar os envolvidos e criticar.

Como observa o sociólogo francês Michel Maffesoli, a comunicação é uma ferramenta de “religação” entre os indivíduos e o elemento que funciona como um “cimento social” ao unir pessoas, interesses e crenças.

Nesse contexto, observamos que o sentido ganha ainda mais força por meio das novas tecnologias, que permitem um acesso mais rápido e fácil. A atual geração talvez não tenha ideia, além da visão romântica para alguns, do que era levar uma manhã de domingo para ler uma edição de jornal impresso que, incluindo os classificados, chegava a ter mais de 200 páginas.

Na atual “modernidade líquida” observada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman, ou a “sociedade em rede” definida pelo sociólogo espanhol Manuel Castells, a informação trafega em um fluxo contínuo e veloz, onde temos uma sensação de superficialidade e instantaneidade que não permite a análise, so-

Angelo Sastre, jornalista e professor universitário, doutorando em Mídia e Tecnologia, Comunicação e Estudos da Mídia.

mente o registro pontual do fato.

Isso não é uma crítica aos novos meios de comunicação, nem uma defesa saudosista dos veículos tradicionais como o jornal impresso, mas uma reflexão sobre nossa relação com as notícias, que é diferente de “informação”.

O filósofo prussiano Friedrich Nietzsche, em seu livro “Assim Falou Zaratustra”, permite uma reflexão na qual observamos que o processo cultural e, consequentemente, o comportamento humano são limitações pessoais e transitórias, ou seja, o homem pode ser considerado um elemento variável no processo. No entanto, é preciso desenvolver um processo de superação de seu estado de imobilidade, fragilidade e dependência social e cultural em relação ao conteúdo e ideais compartilhados.

“O homem é uma corda, atada entre o animal e o além-do-homem — uma corda sobre um abismo. Perigosa travessia, perigoso a-caminho, perigoso olhar-para-atrás, perigoso arrepiar-se e parar. O que é grande no homem é que ele é uma ponte e não um fim: o que pode ser amado no homem, é que ele é um passar e um sucumbir.” (NIETZSCHE, F., Assim Falou Zaratustra, 2005, p. 211)

No que podemos chamar de “jornalismo digital” existe uma série de conflitos de estilo, linguagem, conceitos e meios de produção, que acabam se confundindo (e confundindo o usuário) e colocam qualquer “informação” como notícia, como se tudo fosse possível sem qualquer tipo de responsabilidade ou preocupação. Isso sem entrar no mérito da cultura do “na internet tudo é gratuito”.

Existem vários episódios onde pessoas criam canais em mídias sociais como o Facebook e YouTube ou criam sites informativos sem tomar o mínimo cuidado com a apuração, com a responsabilidade do impacto da suposta “notícia” ou mesmo com a forma de acesso às informações, imagens e vídeos.

Entretenimento, divulgação de opiniões e de informações são sempre válidas e livres, mas isso não é jornalismo. Em um mundo conectado é necessário que o público tenha a percepção do papel do jornalismo para depois ter condições de entender termos da moda como “fake news”. Sejam bem vindos ao “(AD) Mirável Jornalismo Novo” onde a tecnologia avança, mas a compreensão dos fatos está cada vez mais superficial.

# meu divórcio com o jornalismo

VERÔNICA MACHADO

**U**ma vez me disseram que eu estava em um relacionamento abusivo. A maneira como me relacionava com minha profissão era como o marido que bate na mulher mas ela não tem coragem de denunciar. Eu era essa mulher.

Fui repórter de um grande jornal de Brasília. Eu realmente amava estar ali. Apesar dos plantões, de perder datas importantes com a família e contar as moedas para a cerveja... Ainda restava o gozo das matérias emplacadas e o status.

É. O status. Havia tesão em dizer “sou jornalista”, sem contar os deleites das viagens e festas gratuitas. Ninguém precisava saber que as prestações do carro estavam atrasadas.

Ser jornalista virou parte da minha identidade.

Era comer ovo e arrotar caviar, sabe. A vaidade me mantinha na ilusão de que salvava o mundo, era útil e construía algo.

Até que fui salva pelo karma.

Eu precisava aprender inglês e ter novas experiências. Pedi demissão para fazer um intercâmbio e ter novas experiências.

“Como assim sair do emprego? Do jornal que paga melhor na região?”, a família esbravejou. “Você nunca vai conseguir fazer Jornalismo fora do jornal”, o chefe profetizava. “Sair? Tem uma fila de gente que quer sua vaga”, nunca nem vi.

Eu me casei com o Jornalismo em 2011, papel passado e canudo. Tivemos momentos de luxúria e prazer nas publicações. Mas claramente eu tomava uns tapas dele.

Era hora de espairecer. Pedi um tempo nesse relacionamento.

Fui, voltei e recebi ofertas vergonhosas como freelancer. Ele me fazia propostas baratas — lite-

ralmente. Flertava descaradamente com ameaças: “se não aceitar esse valor, como vai pagar as contas?”. Sempre foi convincente.

Acredite: voltei mais forte. O anunciante pagava-lhe milhões, e ele me passava R\$ 2 mil para escrever três cadernos em duas semanas. Dolorosamente, eu disse um NÃO trêmulo e arriscado.

Jornalismo se enfureceu.

Nossa relação tinha realmente mudado ali.

**Confesso:** nós tivemos mais brigas e flashbacks, sim! Mas não nos conhecíamos mais. Eu já era outra.

Conheci um cara chamado Marketing. Ao contrário do Jornalismo, ele parece sacana mas é romântico. E outro chamado Empreendedorismo. Esse tem futuro! São convites constantes de ménage à trois.

Dediquei-me a ajudar outras pessoas que também caíram na lábia daquele cafajeste disfarçado de bom moço. Montei o REALIZE, um programa online onde mostro como podemos usá-lo e não só ser usado por ele.

Já somos 300. E agora se expandiu para receber qualquer pessoa com relacionamento abusivo com a profissão.

É preciso entender que canudo não nos define. É preciso coragem de dizer “não, caramba!”. É preciso ser promíscuo no mundo do conhecimento e entrar de vez no Tinder das habilidades.

Nosso divórcio finalmente saiu. Não era amor. Era cilada.

**Verônica Machado, jornalista.**

Ainda nesta edição, a autora desta artigo dá uma entrevista para a ComTempo contando sobre este divórcio, os novos rumos de sua vida e conta todos os detalhes sobre sua vida profissional e o amor que sente pela comunicação.



# Masculinidades, NO PLURAL

Arthur Fachini

**E** Precisamos refletir sobre o padrão de masculinidade. Como uma rocha bruta, com todas as suas irregularidades e imperfeições, estas que garantem a singularidade, somos lapidados desde quando nascemos até nos tomarmos a forma imposta pela sociedade - a escultura de "homem de verdade". E nesta "arte" de lapidar as nossas "imperfeições", ainda meninos, as cruéis marteladas se concretizam também em frases como: "Seja homem!", "Vira homem!" e "Isso não é coisa de homem!". Mas o que significa ser homem?

Para compreendermos o que significa ser homem, precisamos compreender o que significa gênero. Diferentemente de sexo, que constitui as nossas características biológicas (cromossomos e órgãos genitais, por exemplo), gênero constitui as características e expectativas socialmente construídas, que variam de acordo com a cultura e com o tempo, que são impostas aos indivíduos de acordo com o sexo. Michael Kaufman, PhD, escritor e ativista, afirma em seu mais recente livro "The Time Has Come: Why Men Must Join the Gender Equality Revolution" (2019) que "gênero é uma construção social formada, tomando todo o leque de possibilidades humanas e dividindo-as bem no meio" (p. 56, tradução nossa).

No caso dos meninos, tudo começa pelo azul e se estende pelos brinquedos que nos dão (geralmente associados a carros, super-heróis e construção, cujas mensagens se traduzem em competição, violência e poder). Tudo que é considerado como "de menina", é proibido - isso inclui atividades, atitudes e interesses. Na adolescência, a pressão social aumenta pelos colegas de escola e pelas mensagens recebidas através da mídia - é "preciso" ser forte, resolver os problemas com agressividade, competir e dominar. Parece exagero? Veja os filmes, jogos

e desenhos direcionados e vendidos para o público masculino.

Mas quem define o que é ser "homem de verdade"? A intelectual feminista, professora e escritora Bell Hooks afirma em seu livro "The Will To Change: Men, Masculinity, and Love" (2004) que o "patriarcado é um sistema político-social que insiste em que os homens são inerentemente dominantes, superiores a tudo e a todos considerados fracos, especialmente mulheres, e dotados do direito de dominar e governar os fracos e manter esse domínio através de várias formas de terrorismo psicológico e violência" (p. 18, tradução nossa). O documentário "A Máscara em que Você Vive" (2015) de Jennifer Siebel Newsom nos mostra os impactos que esse padrão de masculinidade causada na formação dos meninos e que se estende à vida adulta dos homens. Nós somos ensinados a não expressar sentimentos, a não demonstrar carinho, a não chorar, a não demonstrar fragilidade, a preferir o silêncio ou a violência ao diálogo. É claro que existem exceções, mas o padrão tem sido esse: somos desumanizados.

Durante a vida do homem, traços associados à "feminilidade" (traços característicos daquilo que é apenas "humano") são vistos como "imperfeições", que devem ser eliminadas no processo de "lapidação social" dos meninos. A escultura do "homem de verdade" precisa estar perfeita, polida. E é contraditório que a norma de masculinidade imposta pela sociedade exija a brutalidade (de uma rocha) dos homens, e ao mesmo tempo, devido à polidez imposta, nos torne tão frágeis, com a necessidade constante de autoafirmação. Escapar do padrão, por menor que seja o "deslize", é visto como uma afronta ao sistema patriarcal heteronormativo, que é punida fisicamente ou psicologicamente. Imagine o que podem dizer de uma gota de orvalho que se forma na região dos olhos de uma

escultura de um "homem de verdade".

Os impactos negativos dessa construção de gênero para os homens estão cada vez mais evidentes. É preciso que todos compreendam que dentro dessas "frágeis esculturas" de "homem de verdade", de masculinidade tóxica, existem seres humanos, que precisam ser recuperados - meninos e homens cujos potenciais estão limitados. A violência imposta aos meninos para que se encaixem aos padrões de masculinidade, não só são prejudiciais aos meninos, mas também a toda a sociedade, pois os homens que são formados por esses padrões são aqueles que, por exemplo, podem vir a promover violência contra as mulheres, contra a população LGBTQ+, contra a natureza, contra a si mesmos. Os dados da violência nos mostram o quanto isso é real. Nós homens precisamos nos responsabilizar pela nossa desconstrução e pelo nosso impacto. Não é possível garantir a igualdade de gênero, o fim da violência, da opressão e da dominação sem a superação desse padrão de masculinidade, produto do perverso sistema patriarcal, o qual nós sustentamos. Já passou da hora de rejeitarmos essa maneira negativa de criar e ensinar os meninos.

Bell Hooks (2004) afirma que "o pensamento feminista ensina a todos nós, especialmente aos homens, como amar a justiça e a liberdade de maneira a promover e afirmar a vida" (p. 111, tradução nossa). Segundo Hooks, a "masculinidade feminista oferece aos homens uma maneira de se reconectar com a individualidade, descobrindo a bondade essencial da masculinidade e permitindo que todos, homens e mulheres, encontrem a glória na masculinidade amorosa" (p. 124, tradução nossa). Mudanças positivas estão acontecendo. No entanto, é preciso acelerar esse processo. É preciso reconhecer que "masculinidade" é e deve ser plural. Sem padrão, sem desumanização, sem violência, sem dominação, sem opressão, sem "esculturas de homem de verdade". Recuperando a humanidade, celebraremos as masculinidades, no plural.

**(Colaboração de Arthur Fachini, formado em Relações Internacionais pela UNAERP).**

**T**ony Stark estala os dedos, as tropas de Thanos começam a desaparecer, e o Titã senta esperando seu destino. Assim terminou uma das principais sagas da história do cinema, com salas lotadas que lembravam estádios de futebol, recordes de bilheteria e muita emoção.


Até o decorrer dessa cena muitos anos de UCM (Universo Cinematográfico Marvel) existiram e uma das principais críticas sempre foram sobre os vilões. Quem se lembra de Obadiah Stane ou Malekith? Isso não quer dizer que os filmes da Marvel fossem ruins, mas com tantos lançamentos o problema ficou em evidência.

Entra em cena Thanos, talvez o principal pilar do UCM, abrindo portas para um futuro promissor no estilo. O vilão gerou simpatia, seu mantra virou meme com quem de política social e ele foi tema de diversos essays no YouTube. Para explicar o que pode vir a ser do gênero precisamos voltar no tempo.

*“Quando se fala em público, existe uma divisão entre os fãs de quadrinhos e os entusiastas que conhecem um personagem dos quadrinhos por intermédio do cinema.” Efrem Pedroza – Crítico de Cinema.*

Entre 2006 e 2007 foi escrito Guerra Civil, evento que mudou os rumos dos quadrinhos da Marvel. Em uma de suas primeiras páginas morrem centenas de crianças decorrente de uma explosão causada pelo vilão Nitro. Dez anos depois veio a adaptação ao cinema, houve uma explosão, mas não de uma escola. Crianças podem ter morrido, claro, mas o fato não é mostrado diretamente. Não choca tanto. É mais comercial, mais fácil de digerir.

Em 2008 Robert Downey Jr. estrela Homem de Ferro. Duas sequências o seguem, são apresentados Hulk, Capitão América, Thor, os Vingadores se unem pela primeira vez e o universo está com



## Thanos e o gênero de heróis: de entretenimento barato à blockbusters artísticos

RODRIGO FOLTER

a base feita. A partir daí a Disney/Marvel trouxe à telona personagens menos conhecidos do grande público, arriscando mais.

Dr. Estranho e Guardiões da Galáxia são visualmente belos e Pantera Negra, que também conta com um ótimo “vilão”, levou a representatividade a um novo nível. Mas ainda faltava um vilão que deixasse o espectador na beirada da poltrona.

*“Um bom vilão encanta e potencializa o feito do herói.”*

Thanos foi surpreendente. Em vinte minutos de filme os Irmãos Russo levaram a crítica sobre seus vilões a sério e apresentaram o antagonista, que praticamente ocupa a tela toda, derrotando um dos maiores símbolos de força da ficção, o Hulk.

Através de flashbacks interessantes o público pôde ver além da cortina e suas motivações, seguindo a jornada do herói através do vilão. Pode não ter inventado a roda, mas em grandes proporções é inegável o impacto que Thanos causou.

Entre derrotar o Hulk, ter que sacrificar sua filha para cumprir o autoproclamado destino e o respeito demonstrado aos seus adversários, os Irmãos Russo brincaram de ganhar com os sentimentos do público

e, por mais que ele deva ser parado, nos tornamos sensíveis à ele.

É impossível pedir um vilão como Thanos em todos os filmes de heróis, mas o estúdio mostrou que é possível criar uma história cheia de significados, trabalhar muito bem com símbolos e o inconsciente do público em um formato de blockbuster acessível.

*“Com toda certeza veremos mais personagens adaptados ao longo dos anos. E isso se faz necessário por conta da globalização e representatividade presentes hoje em dia.”*

Capitã Marvel abriu espaço para discutir sobre o quão fácil taxamos um lado como errado e a heroína carismática e com ego inflado atingiu em cheio o círculo machista que gira em torno do universo geek.

O próximo grande desafio será em Doutor Estranho no Multiverso da Loucura, primeiro filme de terror do universo, mas com o passado recente de produções que desafiam o status quo a Marvel, e o cinema de heróis como um todo, há grandes chances de passarem de blockbusters “vazios” para obras de arte respeitadas.

*Rodrigo Folter, jornalista do Suco de Mangá.*



# DEPRESSÃO

## O QUE A TELA DO CINEMA NÃO MOSTRA

O sorriso estampado no rosto não demonstrava o tamanho da dor dentro do peito. Horas depois, ele tirou a própria vida. O ator Robbin Williams, conhecido por filmes incríveis como “Patch Adams” (1998), tinha 63 anos quando a depressão tomou conta dele.

Ela não tem cara, gênero e nem conta bancária. A depressão atinge milhões de pessoas pelo mundo e segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), a cada 40 segundos, alguém tira a própria vida. A prova de que a depressão é atemporal está refletido nas telas de cinema e nos programas de televisão.

Os comediantes do mundo do entretenimento parecem ter a vida perfeita, afinal, eles fazem a gente sorrir! Mas não é bem assim... o ator Jim Carrey, famoso por interpretar Deus em “Todo Poderoso” (2003) e fazer dramas como “Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças” (2004), sofreu por anos de uma depressão inigualável que fez o ator se afastar das telonas e dedicar-se à pintura dentro de casa, o que o ajudou a se reerguer.

Trazendo a doença para o Brasil, outro caso pouco conhecido é do ator e comediante Eduardo Sterblitch, que por anos fez parte do elenco do ‘Programa Pânico’ e, atualmente, grava cenas para novela da Globo. Edu teve um quadro depressivo diagnosticado e mesmo com a doença, continuou sua vida, tentando adaptar o que sentia com sua carreira pessoal e profissional. Em entrevista a canais da mídia, Sterblitch diz que não sente vergonha de ser triste e que as pessoas têm que aprender a lidar com a dor.

Segundo a psicóloga Camila Ferrari, a depressão é uma doença chamada pelos psiquiatras de ‘anedonia’, que leva o sujeito à incapacidade de sentir prazer. “Ou seja, ele perde a graça com a vida, não sente mais desejo. É como se o depressivo se tornasse impotente diante de sua vida, seus desejos se lentificam e não são capazes de renová-los”, diz.

### É importante prevenir o suicídio

Setembro Amarelo está aqui para mobilizar as pessoas e atentar a todos sobre a campanha

da prevenção ao suicídio.

É possível fazer uma lista de atores incríveis que se suicidaram após um grave quadro depressivo. Essa informação é triste, mas relevante para alertar as pessoas que a ajuda é necessária.

Marilyn Monroe, Mark Salling (Glee), Cory Monteith (Glee) e entre alguns outros, perderam a vida pela triste doença. Mas tantos outros atores e artistas da mídia tiveram sucesso e superaram: Fernanda Lima, Selton Mello, Heloísa Périssé, Adriana Esteves...

Mostrada na mídia ou não, a depressão é uma doença séria que precisa de tratamento psicológico. Tantas pessoas que admiramos sofrem da mesma doença, então por que nos envergonharmos de procurar ajuda?

Se você ainda não se sente seguro o suficiente para falar com as pessoas ao seu redor, pode contar com o CVV (Centro de Valorização à Vida). Basta ligar no telefone 188, que funciona 24 horas e sem custo de ligação. Além do telefone, você pode pedir ajuda por e-mail (<https://www.cvv.org.br/e-mail>) ou chat (<https://www.cvv.org.br/chat>).



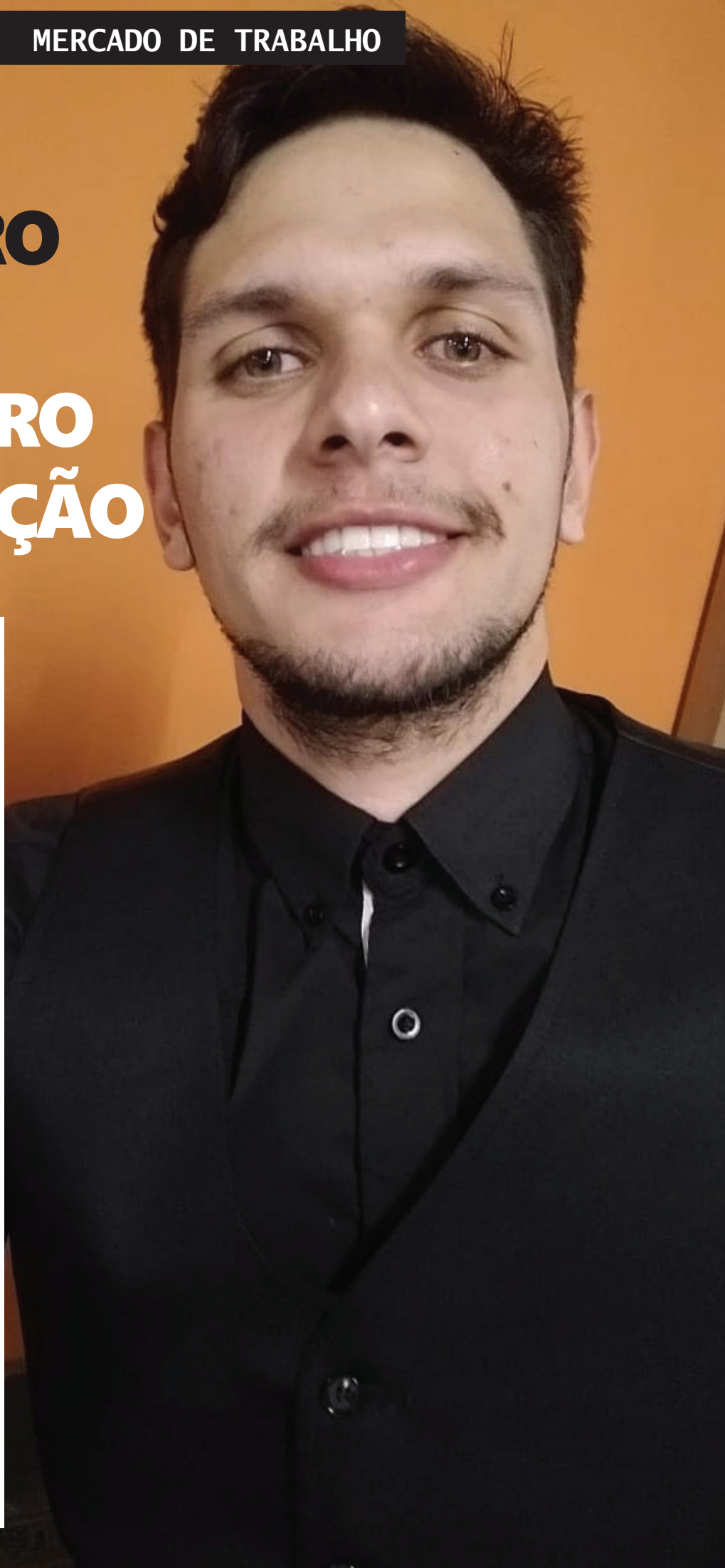
# O FUTURO É PRÓSPERO PARA O ENGENHEIRO DE PRODUÇÃO

MARCOS PITTA

**D**ando continuidade à série de reportagens sobre o mercado de trabalho, a ComTempo, que já apresentou temas como o mercado para a Estética e a Estatística, escolheu para este terceiro episódio, a profissão de quem se aventura pela Engenharia de Produção.

De acordo com o professor e doutor Carlos Eduardo Sanches da Silva, vice-presidente da Abepro (Associação Brasileira de Engenharia de Produção), os últimos dados levantados pela associação, através de números divulgados pelo Inep, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, em 2018, 100 mil profissionais de Engenharia de Produção entram no mercado de trabalho todos os anos.

Questionado sobre o potencial desta profissão e o crescimento da mesma, o vice-presidente diz ter convicção que o futuro reserva um espaço próspero para o engenheiro de produção: “Basta parar para observar a variedade de produtos e serviços existentes e agregar, a este fato, a crescente oferta destes produtos e serviços e o acesso às importações. Esses produtos precisam ser ‘inventados’, desenvolvidos, fabricados e disponibilizados para o consumo dos clientes”, explica.



Carlos Eduardo explica também que esta sequência é conhecida como cadeia de valor e se agregam “às responsabilidades socioambientais, provenientes não apenas dos recursos utilizados para a fabricação e disponibilização aos clientes, mas o seu reuso, descarte e reciclagem”. Silva continua explicando que pessoas estão envolvidas nesta cadeia de valor e várias oportunidades podem ser identificadas a fim de otimizar os recursos que são utilizados, e exemplifica: “rotas de distribuição, automações no processo produtivo e redução de desperdícios. Clientes sempre vão querer produtos: inovadores, mais baratos, entregues pontualmente e, rapidamente, com variedade de opções, isenção de erros e que se preocupem com os impactos socioambientais”.

Adentrando com mais profundidade ao cenário desta profissão, o vice-presidente da Abepro afirma que o consumo de quem depende destes serviços é crescente, “assim como as demandas dos clientes por produtos com ciclo de vida menores, principalmente devido a obsolescência tecnológica, emergem oportunidades de inovações e melhores”.

Silva afirma também que a atuação do engenheiro de produção no mercado de trabalho é limitada erroneamente às indústrias de manufatura: “Sua amplitude de atuação é muito maior e envolve setores como, por exemplo, os de saúde, governamentais e do agronegócio, oferecendo produtos e serviços para este profissional atuar como colaborador ou empreendedor”.

### **A Engenharia de Produção em meio ao avanço tecnológico**

Com o crescimento constante da tecnologia e os avanços cada vez mais visíveis dentro do mercado de trabalho, a ComTempo também questionou a Abepro sobre a relação entre mercado x tecnologia, no caso especificamente do engenheiro de produção, e Carlos Eduardo responde que “neste

cenário tecnológico, econômico e social, os conhecimentos, habilidades, atitudes e comportamentos que permitam coordenar, participar e promover as otimizações de produtos e serviços em toda sua cadeia de valor é dinâmica e crescente. Os cursos de Engenharia de Produção possuem, como propósito, desenvolver profissionais com estas competências dinâmicas e, com isso, buscamos o futuro próspero que nos aguarda”, finaliza o vice-presidente da Abepro.

A Comtempo continua, nesta série de reportagens sobre o mercado de trabalho, entrevistando jovens recém-formados e que já estão inseridos na área de atuação. Desta vez, o entrevistado é Adão de Lima, engenheiro de produção, formado pelo Centro Universitário Unifafibe, em Bebedouro, no interior de São Paulo.

O jovem conta que sempre teve dúvida sobre qual carreira seguir quando era adolescente e que diversas ideias passavam pela sua cabeça, por isso, ele realizou vários testes vocacionais e, o resultado, era sempre ligado à área de exatas. Foi então que Adão resolveu cursar Engenharia Química, porém, um colega de trabalho, à época, apresentou-lhe a Engenharia de Produção: “pesquisei melhor sobre a área e tive certeza que seria um bom curso para mim”.

Como primeira experiência na sua área de formação, o engenheiro conta que atuou em uma indústria: “Antes disso, trabalhava em uma empresa na área de recursos humanos, quando entrei na indústria, na área de supply chain (ou “cadeia de suprimentos), também na área de recursos humanos, sendo uma área de atuação da engenharia de produção. É uma indústria de processamentos cítricos pertencente a uma líder em comercialização de commodities”, explica.

Adão conta que neste estágio ficava responsável pela entrada de embalagens e também por relatórios qualitativos e quantitativos de matéria prima: “Foi a primeira vez que me senti colocando em prática algum

conhecimento que havia adquirido na faculdade”, e continua: “Quando se está dentro de uma sala de aula, fica difícil enxergar a teoria na prática e esse estágio me proporcionou essa vivência, fazendo-me sentir uma evolução profissional e pessoalmente. Me sentia parte importante dentro de uma organização”.

Sobre sentir dúvidas sobre a carreira, o jovem engenheiro conta que existe, dentro do curso, uma matriz curricular diversificada, trazendo uma base de aprofundamento na área, envolvendo outras engenharias, como a civil, mecânica e mecatrônica, mas não se aprofundando: “Existe um medo durante o curso de não ser especialista em nada, de não possuir conhecimentos aprofundados em nenhuma área, mas logo que iniciei os trabalhos acadêmicos, como extensões e iniciações científicas, pude perceber melhor esses aprofundamentos, conseguindo um diferencial na carreira”.

### **Realização e futuro**

Hoje, Adão sente-se realizado profissionalmente: “Estou em um bom nível de atuação e vejo muitas chances de crescimento. Tento me atualizar ao máximo, busco cursos e novos conhecimentos para evoluir, mas tenho o sentimento de que fiz uma boa escolha profissional”. O jovem finaliza a entrevista dizendo que os formados nesta área têm um futuro bem promissor: “não existe uma limitação. Grandes áreas, hoje, estão com os olhos voltados para este tipo de profissional, como o mercado financeiro, econômico e de suprimentos, por exemplo”.

Como conselho às pessoas que querem seguir a mesma carreira, Adão resolve abrir ainda mais a extensão de suas palavras: “Acredito que não só para quem está seguindo a engenharia de produção, mas para todos os profissionais, que o mercado de trabalho está exigindo pessoas cada vez mais especializadas no que fazem e, quando isso está na engenharia de produção, uma área tão abrangente, precisamos buscar essa capacitação o quanto antes”.

VOCÊ REPÓRTER

# AS ESTAÇÕES DO ANO

esclarecendo os sentimentos dos jovens

---

BRUNA CORRÊA





Pense nas estações do ano. Pense nelas em particular, cada uma com suas características, com seus detalhes e marcas. Veja como são diferentes, como há uma mudança violenta entre o calor intenso do verão e o frio do inverno; entre a paleta de cores, tons e sobtons das flores na primavera e as cores sóbrias e frias no outono. Assim são as emoções do jovem, não organizadas em épocas definidas, com data delimitada em um calendário de início e fim, pois elas acontecem, todas juntas, em um único dia, em alguns casos, em até uma fração de segundos.

Tal variação no humor dos jovens é sempre justificada pelo afloramento hormonal, porém, não é este o único fator responsável, segundo o que diz a neuropsicóloga Camila Marchi Assumpção: “Socialmente, espera-se que esses jovens estejam maduros para escolher uma profissão e, por outro lado, não têm independência ou autonomia para fazer outras escolhas. Contraditório, não?”.

A pressão depositada nos adolescentes para que eles sejam o melhor na escola, faculdade ou trabalho é imensa e, em alguns casos, desnecessária, pois exigir que alguém seja bom em Química e fazê-lo acreditar que, se não resolver uma equação em três minutos ele não terá um futuro bem sucedido, o impede de demonstrar seu talento em outras áreas, além de que, tal cobrança agrava um sentimento de incapacidade que, em questão de

tempo, pode jogá-lo no abismo das crises de ansiedade.

Em muitos casos, a alternância dos sorrisos em lágrimas súbitas é apenas manifestação de doenças psíquicas como depressão e ansiedade, que por muitos são tidas como “frescura”, principalmente pelos próprios familiares dos adolescentes.

Assumpção diz que “não se pode evitar que um mal atinja nossos órgãos, então por que seria diferente com a cabeça? O pensamento injetado na sociedade de que estas doenças não passam de uma forma de chamar atenção, faz com que as pessoas que passam por isso se fechem, se aprisionem em seu próprio inverno solitário, onde há uma linha tênue que pode levá-los à perdição, ao total isolamento e, em casos mais graves, ao suicídio, pois “entre a criança que já se foi e o adulto que não chegou, resta apenas o vazio”.

Assim, a dança das estações no interior do jovem é algo que sempre existiu, uma fase difícil, porém necessária, que precisa ser vivida, fase esta que pode ser percorrida mais sutilmente com ajuda. As tempestades podem se tornar brisa quando: se para e ouve aquilo que estes jovens têm a dizer; quando tempo é dedicado a incentivá-los, ao invés de pressioná-los; quando se dedica em investir na saúde mental destes que se alojam em um mar de caos de sentimentos confusos, transformando cobranças em botes salva vidas.





IDEIA

# DE ONDE VÊM AS IDEIAS

BRUNA CAGNIN FERNANDEZ

*A criatividade está ligada às maiores descobertas da história da humanidade, mas o processo de criação ainda é um obstáculo para muitos.*



**D**izem as más línguas, que em um certo dia – entre 287 A.C. e 2012 A.C. – o matemático Arquimedes saiu correndo pelas ruas gritando Eureka! Tudo teria acontecido porque o rei Hierão, desconfiado da pureza do ouro com que sua coroa havia sido confeccionada, pediu a Arquimedes que encontrasse uma forma de verificar a possível fraude, porém, ele não poderia derreter a coroa para medir sua densidade.

A resposta veio em uma ideia enquanto Arquimedes tomava banho. Ele notou que a quantidade de água que transbordava quando ele entrava na banheira tinha o mesmo volume de seu corpo, portanto, se a coroa fosse pura, deveria deslocar o mesmo volume que o seu peso equivalente em ouro. Arquimedes ficou tão empolgado com a sua ideia, que teria saído correndo e gritando, sem sequer se lembrar de colocar a roupa, pelas ruas. Apesar da parte da nudez não estar registrada em suas obras, essa “lenda” é atribuída à criação do Princípio de Arquimedes, fórmula que o matemático desenvolveu para medir a densidade.

Eureka! O que podemos tirar desta história, é que uma boa sacada pode mudar o curso da humanidade. Mas como podemos estimular a criatividade para ter uma nova ideia?

A criatividade é um fenômeno de várias facetas. A psicóloga Bruna Vannucci, 29, diz que é preciso considerar aspectos culturais, intelectuais, psicológicos e ambientais. “É um desafio encontrar uma definição precisa, contudo, é possível considerar a criatividade a partir de uma sequência de processos psicológicos, que formam o chamado ‘processo criativo’, aquele em que o indivíduo desenvolve novas formas de resolver problemas e encarar situações, produzindo algo que é ao mesmo tempo original, inovador e valorizado”.

Uma boa ideia surge em um processo criativo, então, a partir do momento em que esse processo é estimulado através dos meios

que o desenvolvem – cognitivos, afetivos e socioculturais – as ideias podem começar a fervilhar. Vannucci coloca o ambiente como um dos fatores de estímulo. “Um indivíduo precisa de um ambiente que encoraje e reconheça as suas ideias criativas, se este indivíduo tiver todas as condições internas necessárias ao desenvolvimento do pensamento criativo, mas não o estímulo ambiental, a sua criatividade nunca se manifestará. Por outro lado, o inverso também pode acontecer, então, se o ambiente contribuir para o desenvolvimento do processo criativo, e o indivíduo não for dotado de condições internas psíquicas para desenvolvê-lo, a criatividade pode ser prejudicada”.

Mas, depois de ter a ideia, é preciso também colocá-la em prática, e aí cada indivíduo “organiza” a sua criatividade de uma forma. Stephane Lopes, 22, é autora dos livros de fantasia *Monstros Divinos* – que já teve o segundo volume anunciado para o próximo ano – e *Caçadores de Humanos*, e conta que sempre se sentiu inspirada pelos filmes hollywoodianos. “Desde sempre estava escrevendo roteiros e fazendo filmes de mentirinha, dirigindo minhas bonecas e ursinhos de pelúcia como se eles fossem atores em um filme. Tanto que até hoje meus livros têm grande influência dessa ideia ‘hollywood’”.

Sobre seu processo criativo, a escritora conta sobre as suas inspirações e incentivos. “Normalmente eu começo com uma pergunta base, ‘isso vai ser um filme ou uma série?’. É bobo e não funciona para todo mundo, mas como sempre fiz as coisas neste tema, me ajuda a organizar bastante minhas ideias. E então música! Sempre acabo criando uma playlist para o projeto antes de sequer começar a escrevê-lo. Eu respiro música, para mim essa é uma parte bem importante da criação de qualquer projeto meu. Além disso, a maioria das minhas ideias começa com cenas chave e uma motivação para o enredo estar acontecendo, ambos





que geralmente chegam ao mundo enquanto estou ouvindo música. As cenas-chaves são basicamente um diálogo principal ou um tipo de visualização, como se estivesse vendo uma paleta de cores que me inspira a criar a estética do projeto, encontro a voz do livro”.

Lopes diz que seu processo é um tanto caótico, mas é isso que a faz se sentir realizada enquanto cria. “Não sou muito boa em organizar cada detalhe, vou criando as cenas e depois as organizo na ordem que faz mais sentido, por isso geralmente o meu processo criativo leva mais tempo do que a escrita de fato”.

Para a escritora, a chave para contar uma história é a identificação que o leitor cria com os personagens, mesmo quando esses sejam seres fantásticos, como fadas ou dragões. “Geralmente faço isso com analogias de moralidade da sociedade humana, política, preconceito em um tipo de conto de fadas obscuro”. Este fascínio pela fantasia é um ponto em comum com Thais Cima, 26, que também teve um lançamento recente na literatura.

Cima é uma das escritoras participantes da antologia *Um reino à beira da irrealdade*, lançado na bienal de 2019, no qual participa como autora e ilustradora. Seu conto, *O Último fauno guardião*, foi selecionado pela editora para integrar a coletânea entre diversos outros através de um edital.

“Eu me inspiro muito em elementos de fantasia e misticismo, tanto para ilustrar quanto para escrever. Hoje em dia me inspiro no trabalho de outros ilustradores, principalmente no Instagram. Na escrita, me espelho muito em escritoras de fantasia com toque mais dark, como a Holly Black na trilogia *Tithe*, *Valiant* e *Ironside*”.

Cima conta que, apesar de encontrar inspiração em outras artes, cada trabalho seu tem seu processo criativo diferente. “O processo de escrita é bem mais demorado, o enredo eu vou montando conforme a história vai fluindo. Na

ilustração eu pego referências diversas e monto um conceito para desenhar”. Assim como Stephane, Thais sentiu desde a infância necessidade de criar. “Não sei ao certo quando comecei a gostar, acho que nasci gostando!”.

Bruna Vannucci reconhece que na infância, há mais facilidade para lidar com os estímulos criativos. No entanto, isso não significa que a vida adulta não está aberta à criatividade, pois um processo criativo pode se iniciar em qualquer fase da vida. “É uma habilidade natural das crianças irem até a lua sem nem fazer esforço para sair do chão. Quando a fase adulta chega, esse poder de imaginação fica cada vez mais fraco e isso acontece devido a aspectos biológicos”. A psicóloga explica que o cérebro é como um músculo, que precisa de exercício para se desenvolver. Se ele não receber os estímulos criativos, eles “atrofiam” essa habilidade. “Como crianças exercitam mais essa capacidade, consequentemente há mais facilidade do processo de criação na infância”.

É normal na vida adulta, encontrar certas barreiras para a criatividade. E, assim como o estímulo, diversos fatores também podem contribuir para essa inibição de ideias, como a apatia, o medo de arriscar ou de falhar, o cansaço e, até mesmo, a necessidade de se encaixar. Por exemplo, se o ambiente em que estamos inseridos incentiva um certo comportamento padrão, a rotina acaba por inibir nossos processos criativos, já que não teremos estímulos para pensar em novas soluções. “É preciso admitir a importância da criatividade no dia-a-dia do ser humano, e estimulá-la no contexto educacional, pois promove o bem-estar emocional e fornece auxílio na formação profissional, uma vez que a criatividade se apresenta como uma ferramenta fundamental que ajuda o indivíduo a lidar com as adversidades e desafios impostos pelo meio”, diz Vannucci.

Bloqueios criativos, no entanto, não são invencíveis. Step-

ne Lopes e Thais Cima os enfrentam com certa frequência, e cada uma encontra uma forma de voltar a estimular o seu processo criativo.

“Essa é a coisa mais comum para quem cria qualquer tipo de arte”, diz Lopes, que coloca também a arte como motor para voltar a criar, seja ouvindo música, assistindo a séries e filmes ou lendo outros livros. (tinha duas abre-aspas aqui) “Às vezes tenho ideias insanas enquanto estou assistindo um comercial de margarina, então, a inspiração pode acabar aparecendo quando você menos espera (...). Mas se posso dar um conselho geral, é fazer algo que você gosta. Relaxe. Quando você fica ansioso demais para quebrar o bloqueio criativo, você acaba não conseguindo fazer nada”.

Relaxar e confiar nas suas ideias também é importante para Cima, “Todas as vezes em que eu tentava concluir uma obra maior, acabava parando pela metade. Tem muita ansiedade e insegurança aí também, acredito que essas duas coisas é que me bloqueiam”. Já trabalhando em seu próximo lançamento, Thais acredita que dar um passo de cada vez também é importante para sua produção. “Os contos foram a forma de me fazer ver que sou capaz de terminar uma história, por mais curta que seja, e isso realmente me deu ânimo para começar um projeto maior. Então, é uma boa começar com coisas menores”.

Nem mesmo Aristóteles conseguia ter a sua “Eureka” todos os dias, a criatividade, ao contrário do que alguns acreditam, não é um superpoder, mas um exercício diário. Apesar de não existir uma fórmula concreta para ser uma pessoa criativa, o primeiro passo é colocar as suas ideias em prática.

Você pode conhecer mais do trabalho das autoras Stephane Lopes e Thais Cima através de suas redes sociais, @stephanelopes e @thmend.

## **ALERTA DE GATILHO**

A reportagem a seguir possui relatos de violência explícita contra mulheres durante o parto, não sendo indicado para pessoas sensíveis ao tema ou a violências no geral.



# VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

KIMBERLY SOUZA

---

*A Giselle teve seu primeiro filho em meio a agressão. Ela é uma das milhares de mães que sofrem com a violência obstétrica.*



“A gestação foi tranquila, não tive nenhuma intercorrência, ele cresceu normalmente e não tive nem enjoo. Mas o parto foi considerado fórceps. O médico obstetra plantonista do Hospital Maternidade de Campinas usou o fórceps”.

Assim começa a entrevista com Giselle Pedretti, 37 anos, bailarina profissional e mãe de dois filhos: um menino e uma menina. Ela, assim como milhares de mães no Brasil, foi vítima da violência obstétrica, mais um tipo de violência contra a mulher: silenciosa, desmentida por muitos e desqualificada, em maio de 2019, pelo Ministério da Saúde, que julgou o termo “inadequado”, extinguindo-o do vocabulário hospitalar.

Mais do que fingir que essa violência não existe, este ato coloca em mais risco ainda, as mulheres prestes a se tornarem mães, causando danos morais, psicológicos e físicos irreparáveis.

Giselle relatou, em detalhes, todos os níveis de violência que sofreu em menos de meia hora no Hospital Maternidade de Campinas e, em respeito a ela e como forma de alerta a todos que lerão esta reportagem, a Comtempo registra a seguir o relato na íntegra, em primeira pessoa.

## COMO FOI

“Durante a gestação, eu e meu marido decidimos sair de Bebedouro e morar em Campinas. Essa mudança acabou me deixando perdida e, como não tinha mais o acompanhamento da obstetra de Bebedouro, uma amiga obstetra de Campinas decidiu me acolher e acompanhar a gestação. Ela cuidou de mim até o último dia antes do meu filho nascer, já que eu iria fazer o parto pelo SUS. Sabendo disso, já estava acostumada com o fato de que o parto seria o normal, já que é o procedimento adotado pela saúde pública. Quando estava com 38 semanas e 5 dias, as contrações ficaram mais ritmadas e intensas.

A minha amiga fez os exames e constatou que estava com 3 centímetros de dilatação. Me aconselhou a não ir no SUS, porque eles só me atenderiam se tivesse com pelo menos 5 centímetros. Na manhã do dia 17 de março de 2015, as contrações ficaram ainda mais intensas e fui para a maternidade. Passei pela triagem, estava com quase 7

centímetros de dilatação e já me encaminharam para a sala pré-parto. A primeira coisa que fizemos foi me colocar um soro sem falar o que era. Na hora perguntei se ia melhorar a dor e, com uma voz sarcástica, a enfermeira disse que sim. Minha mãe estava do meu lado e viu a expressão da enfermeira, de “mal sabe o que te espera”. Na verdade, aquele soro tinha ocitocina, que intensifica as contrações para acelerar o parto. Primeira violência.

A segunda foi: romperam a bolsa mecanicamente, porque, até então, ela não tinha se rompido. Fizeram isso também para acelerar o parto. Depois, pediram para eu caminhar até eu não aguentar ficar em pé. Me deitei, as dores foram se intensificando e a ocitocina fazia eu ter contrações o tempo inteiro, não conseguia respirar. Não paravam de fazer exame de toque em mim, e eu fui perdendo a noção de tanta dor que eu sentia, parecia que eu estava fora do meu corpo. Estava com quase 10 centímetros de dilatação, senti meu assoalho pélvico querendo empurrar mas, como estava com muito medo, não empurrei. E as enfermeiras reforçavam: segura o bebê! Fui encaminhada para sala de parto e me deram uma anestesia e foi horrível porque parei de sentir qualquer coisa. Chegou o médico que eu conheci só ali na hora. Me deitaram em uma maca, como se eu tivesse fazendo uma cirurgia. A sala fria. As luzes acesas, tudo prateado. Muita gente ali, barulho de máquina, soro na veia.

Não senti mais nada. Veio outro enfermeiro e me fez aquela manobra (Kristeller) de empurrar a barriga, que é proibida, é violência obstétrica. Eles não poderiam ter empurrado minha barriga. É perigoso: se eu tivesse uma contração no momento em que o enfermeiro empurrasse, poderia romper meu útero, óbito na certa. Para o parto mesmo fiz umas 3 ou 4 forças, o médico simplesmente pegou a tesoura, me cortou sem

me informar, pegou o fórceps, enfiou e puxou meu filho para fora. Na hora fiquei em choque, sem saber o que fazer, mas como estava cansada, era meu primeiro filho e eu estava envolvida em uma situação, eu nem tive o que fazer. Ele já puxou meu filho e já colocou no meu colo: “segura o seu bebê”, ele falou. Ele ficou com uma marca no rosto por conta do fórceps, e a enfermeira falou que era normal e logo ia sumir. Depois de limparem e pesarem ele, colocaram perto de mim e eu fiquei esperando a placenta nascer, que é só aí que o parto acaba. Depois, levaram ele para outra sala para dar vacinas, colocar fralda. Minha mãe que acompanhou porque meu marido estava viajando. Enquanto isso, suturaram a episiotomia que fizeram em mim. Eu saí da sala de parto e já deixaram meu filho comigo. A gente fica naquela expectativa antes do parto, de que vai chorar, se emocionar. Mas eu não tive emoção nenhuma.

Não sei se foi o choque, de não saber o que fazer. Eu não me senti protagonista do meu parto. Eu era uma figurante. E isso eu senti muito depois, quando parei para pensar. Um tempo depois, o SUS me ligou para fazer o acompanhamento, me perguntar como eu e meu filho estávamos e eu falei que me senti invadida, que fizeram episiotomia sem necessidade, que usaram o fórceps sem precisar. Eu fiquei meia hora na sala de parto. Meia hora para uma criança nascer é muito pouco. É uma fábrica de nascimento. É quase uma cesárea que o médico arruma um horário no dia dele para ganhar uma fortuna em meia hora de trabalho”.

## APENAS UMA BARRIGA CARREGANDO UM BEBÊ

A violência obstétrica, assim como outras agressões e crimes de ódio que atingem exclusivamente a mulher, existem pelos séculos guiados pelo machismo e pelo patriarcado que resumiam – e continuam a resumir – a mulher como um objeto sem direitos ou vontades, que existe unicamente para servir ao homem e procriar. Apenas uma barriga carregando um bebê, como define a obstetriz Stella Souza, 26 anos.

Ela, assim como suas colegas de profissão, Rebeca Reis, 29; Juliana Romano, 28; e Rafaela de Aguiar, 26; decidiram abraçar a missão da obstetrícia, de garantir um nascimento saudável, seguro e respeitoso para os bebês, e o empoderamento, o protagonismo

e a informação às mulheres-mães. Elas trabalham em uma rede particular de saúde e prestam assistência integral à saúde da mulher, desde a educação sexual e ginecológica, até os momentos de pré-natal, parto, puerpério, amamentação e cuidados ao recém-nascido. Em entrevista à Comtempo, as quatro obstetrias formadas pela Universidade de São Paulo (USP), explicaram o que é a violência obstétrica, citando casos emblemáticos de suas carreiras.

“A violência obstétrica (VO) é a desumanização da mulher no momento em que ela encontra-se mais frágil e entregue aos cuidados da equipe de saúde. Acredito que a maior causa desse tipo de violência são os profissionais assistencialistas não renovarem seus conhecimentos para atender de modo mais humano suas pacientes”, afirma Stella, e Rebeca completa: “Os grupos mais suscetíveis são mulheres de baixo nível socioeconômico, minoria étnica, o conceito de que mulher é mantida sob autoridade patriarcal, além de mulheres sem acesso a informações sobre seus direitos”.

Rafaela afirma que: “As decisões violentas são justificadas, na maioria dos casos, pelo ‘bem da mulher’ mas, na verdade, são para a satisfação própria do médico e da equipe que está envolvida com o parto”, e Juliana complementa: “Esses atos acabam retirando o protagonismo da mulher, o que geram desrespeito ao seu corpo e ao processo natural. Essa violência pode ocorrer durante a gestação, trabalho de parto, parto, pós-parto e o processo de amamentação”.



## MAIS FREQUENTE DO QUE SE IMAGINA

---

Estudo da Fundação Perseu Abramo, em parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC) afirma que, a cada 4 mães no Brasil, pelo menos 1 teve seu filho em condições de violência – física, sexual, verbal, discriminação por etnia, idade ou classe social, negligência, falta de cuidado, retirada da autonomia ou más condições do sistema de saúde.

As escassas estatísticas, somadas à omissão do Ministério Público quanto ao termo no ambiente hospitalar, pode causar ainda mais danos à saúde e vida das mulheres prestes a se tornarem mães.

“O caso mais marcante foi em uma sala de parto em que o

profissional pegou clorexidina alcohólica (substância para assepsia) por engano e quando ele ia realizar essa higienização do local uma técnica de enfermagem sinalizou que ele havia pegado a errada e entregou a correta (clorexidina aquosa) e ele simplesmente ignorou a intervenção e usou a que segurava e a paciente urrou de tanta dor devido a região em que foi usada a substância estava com um pequeno corte. Obviamente esse caso pode não chocar muitos, mas me marcou demais por que o dano poderia ter sido evitado”, afirma Stella.

Rafaela acredita que retirar o termo não vai extinguir a violência da rotina hospitalar: “Porém ao retirar o termo, o Ministério da Saúde passa a mensagem de que a violência obstétrica não existe mais, ou que ela pode ser praticada, uma vez que não existe algo que defina essa conduta. Além disso, as discussões sobre o assunto irão diminuir dentro dos ambientes hospitalares e, consequentemente, as denúncias, então o retrato real do ambiente hospitalar estará disfarçado”.

Ela também relata um caso, sofrido, inclusive, por uma adolescente: “Ela precisava realizar o toque vaginal de admissão mas, como estava nervosa, fechava as pernas. Irritada, a ginecologista obstetra gritou: ‘Se você não quer que eu examine, terei que tira o bebê no ferro para ele não morrer’. A adolescente entrou em desespero e foi levada aos prantos para uma cesárea

com falsa indicação e desacompanhada. Essa situação poderia ser diferente se a médica explicasse o que era o toque vaginal e porque iria fazê-lo”.

Já Rebeca conta um caso que envolve racismo e xenofobia: “Acompanhei o parto de uma mulher angolana num hospital público em São Paulo. O médico e seu residente não respeitavam a ordem fisiológica do nascimento e mandavam a mulher fazer força para empurrar o bebê. Ela fazia muito esforço mas o bebê não nascia. O médico começou a xingá-la dizendo para ela fazer “a força que os pretos da África tem”, ela chorava e ficava sem forças pela violência. Eu olhei fazendo sinal de desaprovação e o médico alegou que “ela nem entende português”, e deu risada. A irmã da gestante interferiu e disse que elas estavam entendendo tudo. O médico ficou quieto e a mãe tomou força e fez seu bebê nascer sem precisar de episiotomia ou fórceps. Eu fiquei ao lado dela o tempo todo tentando neutralizar o que o médico dizia, junto à irmã dela. Quando o bebê ficou pele a pele com sua mãe, ela começou a orar, sua irmã se ajoelhou e eu orei também. Os médicos saíram cabisbaixos”.

A Juliana vivenciou a violência obstétrica enquanto fazia o estágio da faculdade e a vítima era uma mulher em situação de rua, portadora de HIV e que vivia o momento trágico de um óbito fetal intrauterino, “Ela estava no trabalho de parto ativo, com dilatação de 7 centímetros, necessitando de uma assistência, pois não estava conseguindo lidar sozinha com as dores da contração. Devido a seu histórico, foi criado um pré-conceito, e foi negligenciado o atendimento de qualidade para a paciente. Ela foi atendida em meio a grosserias pelas enfermeiras do setor. Após conversar com minha professora responsável pelo estágio, conseguimos acompanhar e prestar assistência adequada à gestante”.

## COMO DEVERIA SER

A informação e o empoderamento são as chaves para combater essa violência, de acordo com as obstetrizas e a Giselle, que dedicou parte da sua segunda gestação para conversar e entender o parto humanizado.

“Quando minha filha estava para nascer eu pesquisei muito, participei de grupos de estudo, e percebi que todo esse processo que passei com meu primeiro filho, foi estranho, errado. Hoje, conhecendo mães com filhos da idade do meu filho, digo que o que fizeram comigo é praxe, muitas sofreram o que sofri. Quando falam de parto humanizado, não é aquela ideia hippie que todo mundo tem. Parto humanizado é parto com respeito, coisa que eu não tive. Meu conselho é

que as mães se informem, participar de grupo de parto, gestante, casais, se informar pela internet.”

As obstetrizas também cobram mudanças no que circunda o parto: a própria Medicina, muitas vezes arcaica, e a garantia de direitos sobre o assunto.

“O empoderamento feminino, o conhecimento científico e legal para ser assistida de modo integral e humano, além de cobrar melhorias da bancada política e seus projetos de lei”, opina Stella.

“Inserir direitos humanos na grade curricular de Medicina, investir na formação de obstetrizas e enfermeiras obstétricas e fomentar projetos que visem a segurança das mães e dos bebês em todo o processo da gestação e parto, como o ReHuNa (Rede pela Humanização Parto e Nascimento), Projeto Parto Adequado e Hospital Amigo da Mulher e da Criança”, pontua Rebeca.

“Acredito que é necessário instruir as mulheres e suas famílias, além de exigir atualização profissional de todos que se envolvem com o parto”, ressalta Juliana.

E Rafaela finaliza: “Discutir o tema desde a universidade, inserir políticas contra a violência obstétrica e incentivar a cobrança por parte da sociedade por melhorias na assistência à saúde da mulher”.

## COMO DEVERIA SER (E FOI)

De um extremo a outro, a Giselle, na gravidez da sua segunda filha, teve a oportunidade de um parto muito mais tranquilo, respeitoso e sem traumas. Assim como no início dessa reportagem, a Comtempo disponibiliza o relato na íntegra, mostrando que, sim, é possível um atendimento humanizado – e não precisa de muito. Só de respeito mesmo.

“Minha filha não foi planejada, mas, a partir do momento que fiquei sabendo dela, comecei a me preocupar com o processo. Pesquisei e, com a ajuda de amigos, me interessei pelo parto humanizado, especialmente o domiciliar. Eu não queria sair de casa e ir para a maternidade, onde eu sabia o que iria acontecer. Pesquisei as possibilidades mas, pela condição financeira, não teríamos condições de arcar com uma estrutura dessas. Nesse meio tempo, descobri a Casa Angela, em São Paulo. É uma casa de parto incrível, coisa de primeiro mundo. Ela tem parceria com o SUS e me perguntei: porque não tentamos lá? Agendamos a visita e, de primeira, ficamos encantados, as pessoas nos recebem com sorriso no rosto, falam muito calmamente, acolhem super bem. Aí começamos os trâmites, precisei passar pelo SUS de São Paulo e, apesar de ficar mais apertado, daríamos conta de pagar. Eu já estava com 30 semanas e minha tia, que mora perto da Casa Angela me cedeu seu endereço fixo. Passei pelo posto de saúde do bairro. Em um dia, deu tudo certo para o meu parto. Minha filha nasceu numa terça-feira, 19 de fevereiro de 2019. Dia 18 eu tive uma consulta e já fui com contrações, bem leves. Me levaram para uma avaliação mais minuciosa e me falaram: ‘olha, você está com 3 centímetros de dilatação, mas seu colo está bem fechado’. Perguntei se era melhor eu ficar em São Paulo ou se poderia voltar para Campinas. A obstetriz disse que eu poderia ir, mas era para ficar de olho se as contrações aumen-



tassem ou se a bolsa estourasse. Era de manhã ainda, fui almoçar com meu marido, fomos visitar um amigo e ficamos até a noite. Voltamos pra Campinas, busquei meu filho na casa da minha mãe e já deixei ela sob aviso. Às 3h da manhã minha bolsa rompeu, fui para o box, chamei meu marido, ele ligou para minha mãe e para a Casa Angela, quando foi 3h30, fomos para São Paulo, as contrações ritmadas de 3 em 3 minutos. Diferente do meu primeiro filho, que me foi aplicada a ocitocina sintética, eu tinha as contrações e conseguia respirar e seguir normalmente. Com meu filho não tive esse respiro. Chegamos na Casa Angela às 5h da manhã, com uma super contração, muita dor, andando sozinha, fui atendida pela obstetriz Gisele, eles já estavam com meu prontuário, estavam me esperando, me avaliaram e eu estava com 6 centímetros de dilatação. Fui para a sala de pré-parto, fizeram exames para ver se a bebê estava bem.

Não deu tempo nem de terminarem de colocar o equipamento do cardiotoco, porque eu senti a minha filha empurrar, ela acabou nascendo na poltrona mesmo, 5h30 da manhã. Em 25 minutos ela nasceu, sem a ajuda de ninguém, sem ninguém colocar a mão nela, sem anestesia, sem nada! Do jeitinho que era para ser. Uma criança não precisa de nada para nascer. Ela já veio para o meu colo. Na sala, só duas profissionais: uma para cuidar de mim, outra para cuidar dela. E elas só ficaram me olhando, me dando apoio. Uma delas me ajudou a segurar minha filha quando ela saiu e já colocou no meu colo e do meu colo ela não saiu até hoje. Tudo à meia luz, silêncio, a placenta nasceu tranquilamente... A diferença é gritante de um parto para o outro. O do meu filho, mecânico, frio e sem emoção. A da minha filha, com meu marido do lado, eu emocionada e sem interferência. No parto dela eu me senti protagonista, importante”.

## EM NOTA

---

A Comtempo entrou em contato com o Hospital Maternidade de Campinas que, em nota, afirmou que:

“No relato que nos foi encaminhado não fica claro qual teria sido a ‘violência obstétrica’ que a paciente alega ter sofrido durante o seu atendimento nesta instituição, assim como não informa também quais seriam os ‘procedimentos proibidos’ aos quais ela teria sido submetida no Hospital.


Em respeito à legislação vigente, que determina o sigilo médico em relação às manifestações relacionadas a pacientes, o Hospital Maternidade de Campinas não é autorizado a fornecer informações referentes aos atendimentos realizados na instituição.

No entanto, em relação à referida paciente, informamos não constar do seu prontuário qualquer intercorrência durante o período em que esteve sob os cuidados deste hospital.

O Hospital Maternidade de Campinas reforça que, quando há qualquer registro ou manifestação de pacientes, devidamente documentados, os eventos são rigorosamente apurados pela instituição”.

# Os impactos da polarização política sobre a saúde mental dos brasileiros

JOSIANE SANTOS



*País vive epidemia  
de ansiedade e fator  
político marca  
presença nos  
consultórios médicos.*



## “A alma brasileira está doente”.

**A**s palavras do filósofo, teólogo e professor aposentado de Ética, Leonardo Boff vão ao encontro de uma pesquisa da OMS (Organização Mundial da Saúde), que afirma que o brasileiro é o povo mais ansioso do mundo.

De acordo com o estudo, o país está passando por uma epidemia de ansiedade, com 18,6 milhões de pessoas que apresentaram o transtorno. Esse número representa 9,3% da população.

Além da ansiedade, sentimentos como medo e preocupação também são frequentes nos consultórios psiquiátricos do o país, porém um novo fator tem sido cada vez mais citado: o temor pelo cenário político.

Para o psiquiatra Luiz Scocca, o debate político acalorado pelo qual o país passou nos últimos anos, fez com que aumentasse o número de pessoas que se sentem inseguras diante das consequências dos resultados eleitorais.

“Cada pessoa reage de um modo diferente às situações de mudança ou tensão, como um processo eleitoral ou uma crise econômica. Acontecimentos assim podem gerar desde sentimentos pontuais, como medo e frustração, até quadros mais graves de doenças da mente, como ansiedade e depressão, entre outras. Nos últimos tempos o número de pacientes com esse perfil tem aumentado em meu consultório” – afirma o psiquiatra.

De acordo com a cientista política Débora Sanchez, a polarização política tem influência direta sobre essa realidade, uma vez que fomenta sentimentos extremos, contribui para debates acalorados e até mesmo provoca o rompimento de relações pessoais.

É o caso do estudante Lucas Almeida, que abandonou propositalmente o relacionamento com familiares e amigos, de-

vido a posicionamentos políticos diferentes. Segundo o estudante, a decepção com a escolha de voto de pessoas próximas estava comprometendo negativamente sua saúde mental.

“Em um ambiente democrático é natural que existam divergências políticas, porém quando a diferença de opiniões se sobrepõe a questões relacionadas a direitos humanos fundamentais, é preciso repudiar esse tipo de discurso” – afirma o estudante.

Lucas ainda conta que optou por não manter contato até mesmo com amigos e familiares próximos, pois, segundo ele, o convívio gerava tristeza e repúdio.

“As últimas eleições foram muito decepcionantes para mim, pois eu vi pessoas com quem convivía e tinha carinho defendendo discursos que feriam diretamente a dignidade de outro ser humano. Optei por romper relações naquele momento e com algumas pessoas ainda não voltei a conversar” – explica.

## As bolhas sociais e suas consequências para a polarização política

O uso cotidiano das redes sociais facilita o contato entre as pessoas, porém em contrapartida também favorece a formação de “bolhas” onde é possível se relacionar somente com pessoas que tenham posicionamentos semelhantes.

Na opinião da cientista política Teresa Vicente, esse é um ponto central, que dificulta a troca de ideias e diminui a possibilidade de pensar no outro com respeito e tolerância.

“É como se a pessoa que pensa diferente fosse um inimigo e não somente um adversário político. O aparecimento de candidatos com fala intolerante, obviamente, contribui para o fortalecimento desse tipo de discurso, que para o grupo contrário pode gerar medo e resistência” – afirma Vicente.

A página virtual @ele-naovainosmatar é um exemplo desse tipo de movimento e tem como objetivo denunciar ataques cometidos contra a comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros) e gerar uma rede de apoio e proteção. Segundo relatório do Grupo Gay da Bahia (GGB) houve um aumento de 14% no número de homicídios de pessoas LGBT no último ano.

Para o arquiteto Matheus Faria, movimentos de solidariedade e fortalecimento de comunidades socialmente vulneráveis são necessários, uma vez que as minorias sociais têm dificuldade de representação pública.

A psicóloga e terapeuta Camila Cerrado defende que o caminho passe pelo diálogo, onde cada parte precisa se respeitar e lidar com as decisões coletivas com maturidade e tolerância.

“O processo de redemocratização ainda é muito recente no Brasil, sendo assim, ainda é preciso amadurecer a ideia de que o outro não é pior por ter uma opinião distinta. Também é necessário entender que quem ganha não tem mais direitos do que quem perde e que a solução para os problemas sociais do país passa pela colaboração de todos” – afirma.

De acordo com a psicóloga, quem se sentir mal ou ameaçado diante do cenário político ou de qualquer outro momento de dificuldade, deve procurar ajuda profissional para lidar com o problema com o devido acompanhamento.

CARREIRA



# O DIVÓRCIO FEZ ELA SAIR DA CAIXINHA

MARCOS PITTA



**V**erônica Machado, jornalista, nascida em Brasília, em 1990, hoje com 29 anos. A história desta profissional começa por um divórcio. Isso mesmo, Machado conta, em entrevista a ComTempo, como foi seu casamento com a profissão e como o divórcio com a mesma foi o pontapé inicial para ela conhecer novos ares e sentir-se, definitivamente, feliz.

A relação com o jornalismo começou desde que ela se entende por gente: “Tenho uma teoria de bar, aquela que não tem fundamento nenhum, que não tem como fugir daquilo que se está programado. Tenho uma teoria determinista, claro que com o livre arbítrio, por exemplo, se eu te disser que vou ser dentista, nada vai me impedir, mas a vida vai se encarregar de me levar para a comunicação novamente”.

“Quando eu tinha uns dois ou três anos, meu pai ganhou uma câmera e ele filmava festas e eventos do bairro e ele me filmava muito, então, tenho essa afinidade com a câmera desde que me entendo por gente. De repente, eu já estava entrevistando todo mundo, filmando todo mundo da rua, a família e tinha muito essa coisa com a comunicação desde cedo”.

Verônica conta ainda que começou a interessar-se por política na adolescência: “É nesta fase que a gente dá uma revoltada na vida, eu pensava muito em até ser política e hoje não tenho nada a ver com política, eu amava essa coisa do discurso, era isso. E tudo é jornalismo. E então eu pensei, é jornalismo se eu acreditar que jornalismo é entregar a informação mais correta possível a outra possível”.

O primeiro contato que Verônica teve com a profissão foi num estágio na Câmara dos Deputados, como repórter Plenarinho: “É uma experiência que a gente explica política para criança, também fiz estágio na agência de comunicação do

Centro Universitário de Brasília e, depois, um dos meus professores era editor do Correio Braziliense e, em uma das aulas, ele pediu para que a gente levasse pauta para o jornal que a gente fazia na faculdade. Levei três. Uma delas, eu iria me propor a ser garçonne por uma semana, para contar como era o outro lado do balcão. Ele gostou muito e pediu para que eu enviasse um currículo e assim foi feito, entrei no Correio como estagiária”, conta empolgada.

Após a conclusão do curso, Verônica conta que teve muita sorte: “No final, não tinha mais como continuar como estagiária, mas neste mesmo período, uma pessoa saiu e eu acabei sendo contratada como repórter do Correio. Lá, fiquei por três anos”. Ela conta que lá foi seu único trabalho como jornalista: “Foi minha melhor experiência, eu entendi, de fato, a relação afetiva que o jornalista tem com a redação do jornal. É diferente se você só fez assessoria, ou hoje só atuou com internet. A redação de jornal é diferente, foi ali que eu me apaixonei pela profissão e isso é um problema”.

É neste ponto da conversa, que Verônica começa a entrar nos detalhes da história que nos leva ao seu artigo, publicado no início desta edição, sobre seu divórcio com a profissão: “Foi nesta etapa que aquele ‘cajaste’ me seduziu”. Ela continua explicando que o fator principal que a fez enxergar o relacionamento abusivo com a profissão aconteceu bem depois: “Até então eu amava tudo aquilo, amava o jornalismo. Não reclamava, defendia com unhas e dentes, é tipo irmão que só você pode falar mal, mais ninguém. Quando eu saí do Correio eu ainda amava a profissão”.

Machado conta que quando saiu do emprego, tinha um motivo que era precisar do inglês: “Havia feito francês, mas não adiantava para minha profissão. Aconteceram duas coisas nesta

fase, a primeira é que meu coração foi partido por um cabra safado real – risos – e eu estava na fossa completamente e, a outra, é que eu tinha muitas oportunidades de viajar dentro do Correio, mas não ia por conta do inglês. Me senti limitada pela falta dessa habilidade e então pedi demissão, vendi meu carro e fui para o Canadá estudar inglês. Passei seis meses lá. Pouco antes de voltar para o Brasil, minha mãe saiu do emprego e eu não podia trabalhar no Canadá e aí surgiu a dúvida: como sobreviver?”.

Foi com este questionamento que a vida de Verônica começou a ser direcionada para o que está hoje: “Falei para minha mãe de montar o que ela sempre quis e, então, montamos o ‘Delícia Pronta’, ela é chefe de cozinha, cozinhava em casa e a ideia, nada mais era, que uma loja virtual de pratos prontos congelados gourmet. A gente precisava dar um jeito e vender isso pela internet. Era nossa única solução. Quando eu voltei, a solução era fazer o ‘Delícia Pronta’ dar certo. Foi então que comecei a ver sobre negócios, marketing e publicidade. Fiz uma pós-graduação em marketing digital, mas nunca peguei meu diploma, pois ainda não entreguei o meu TCC e, com isso, fiz o ‘Delícia Pronta’ dar certo”, explica.

Neste momento da sua vida, Verônica olhava para a redação de jornal e não se via mais conectada naquele lugar: “Meu mundo se expandiu demais, minha vida não cabia mais dentro de uma redação, mas eu ainda não havia me aborrecido com a profissão”.

## **A crise existencial e o contar histórias como gancho motivacional**

Após fazer o negócio da mãe dar certo, Verônica percebeu que aquilo era o sonho da mãe e não dela propriamente. Foi nesta parte que surgiu a crise existencial: “Comecei a pensar no por-

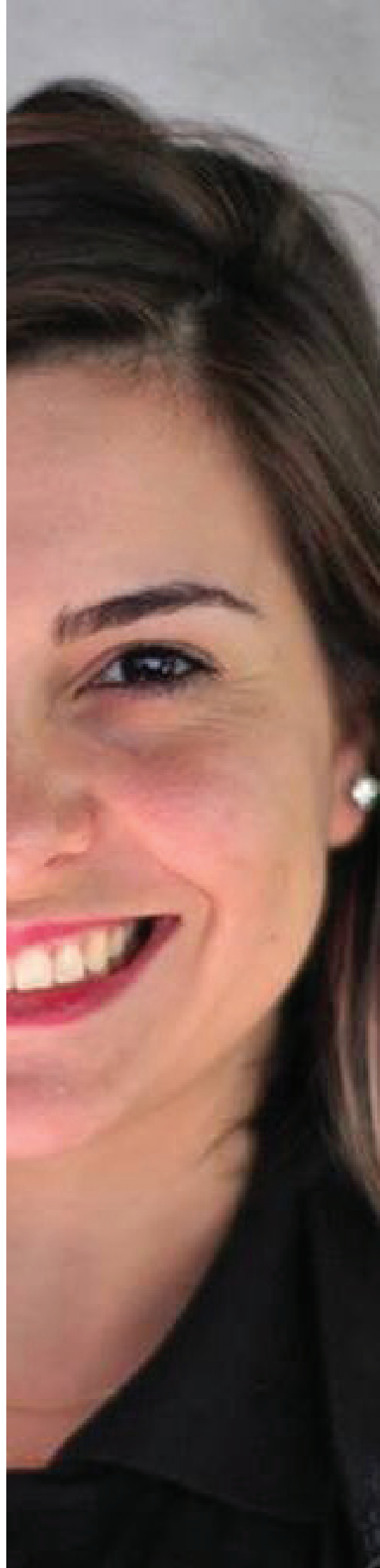


quê eu estava existindo, todos tinham um motivo, algo que gostavam e eu não. Até que um grande amigo falou que eu tinha um dom muito esquisito, que era pegar a história das pessoas muito rápido e isso em qualquer lugar, na parada de ônibus, no banheiro da balada, em todos os lugares. Mas, neste momento, pensei e como fazer disso uma profissão. Criei, então, o 'Vidas Contadas', que hoje está no Instagram.

Vidas Contadas é um projeto de histórias, com vídeos curtos de pessoas comuns: "Eu acredito que qualquer pessoa tem uma grande história para contar. E essas histórias jamais entrariam no jornal, pelo simples fato delas serem pessoas comuns. Certo dia, sentei com meu avô e descobri que ele chegou e Brasília em 1963, fazendo obras. Olhava para minha avó e via que ela era uma atriz de teatro, no sertão do Ceará e ela sabia o texto de cor até hoje. A questão ainda era: como eu vou ganhar dinheiro com isso?"

Neste ponto, Verônica retorna a falar do bom e velho jornalismo, dizendo que ainda fazia alguns trabalhos extras neste estilo mas, mesmo assim, continuava pensando em como monetizar seu novo projeto: "Foi então que fiz um financiamento coletivo foi um sucesso. Por dois meses eu consegui dinheiro para continuar com o Vidas Contadas. Eu não sabia o que seria da minha vida no terceiro mês, a única coisa que eu tinha em mente era que pessoas haviam me pagado para contar mais oito histórias. Antes de acabar, já haviam outras possibilidades para continuar com o projeto, mas eu ainda precisava de mais para ter dinheiro que realmente me sustentasse. Foi nesse ponto que percebi que estava bem feliz com o 'Vidas Contadas'.

Para explicar esse momento da sua vida, Verônica faz uma comparação: "Não sei se você já passou por esse momento, mas sabe quando você está



muito feliz com alguém e seu amigo não tem ninguém e você se sente constrangido de contar pra ele o quanto você está feliz? Era assim que eu me sentia, muito apaixonada pelo 'Vidas Contadas', mas constrangida de falar para os meus amigos jornalistas o quanto eu estava apaixonada, pela primeira vez, genuinamente feliz com a profissão. Foi então que comecei a perceber que eu não conhecia ninguém que estava genuinamente satisfeito com a profissão. Foi aí que percebi que a profissão era ruim, mas eu percebi olhando para o outro e não para mim, pois eu estava me sentindo feliz fazendo jornalismo, mas o meu jornalismo, o 'Vidas Contadas'. Eu comecei a olhar que todos os meus amigos estavam tendo uma qualidade de vida ruim, foi aí que comecei a perceber essa frustração".

Fazendo uma metáfora para explicar o caminho percorrido até o divórcio, Verônica conta: "Nesta fase da minha vida eu ainda amava o jornalismo, porque pode-se dizer que ela é um marido abusivo, pois ele bate, bate e bate na gente e nós continuamos amando ele. Até que um dia estava muito feliz com meu projeto e aprendi coisas que meus colegas não haviam aprendido e aí comecei a perceber que se os meus colegas tirassem os projetos deles da gaveta, eles ficaram felizes como eu".

### **O jornalismo 3.0**

Foi deste pensamento de todos tirarem seus projetos da gaveta que Verônica criou o blog Jornalismo 3.0, para ensinar jornalistas o que não se aprende na faculdade: "Como empreender, como fazer marketing dentro do jornalismo, como usar as redes sociais. Comecei a falar que existia uma vida fora da profissão. Com o blog, as pessoas pediram mais, comecei a entender que existia uma demanda. Pausei o Vidas Contadas para ajudar colegas jornalistas a sair da caixinha. Fiz um curso que se chama Realize, tem

esse nome até hoje, que eu ensino a realizar seu projeto, contando tudo o que eu aprendi. O curso foi crescendo e se desenvolvendo e percebi que cheguei num momento que jornalistas não me consideravam mais jornalista".

Neste momento, mesmo oferecendo um curso de jornalista para jornalista, Verônica ficou sentindo um peso psicológico: Me perguntei se eu estava ou não fazendo jornalismo, isso prova as raízes e afetos que a profissão coloca dentro da gente. Nessa fase eu não sabia mais se eu era jornalista ou não, uma crise forte. Foi aí que tive que criar meu próprio conceito, de que jornalismo é entregar a informação correta para quem precisa. Isso me acalmou e eu percebi que eu ainda era jornalista. Foi uma briga e é uma briga violenta na minha cabeça até hoje com a profissão, pois percebi que não estou mais dentro de uma caixinha".

### **Fora da caixinha**

Verônica conta que com essa crise de identidade, ela precisou mudar quando um amigo chegou para ela e disse que ela realmente não era uma jornalista: "Eu surtei e ele me disse que eu era supertalentosa e que uma das minhas competências era ser jornalista. E aí eu entendi que eu sei, por exemplo, fazer um bom arroz, sei dar bons conselhos, sei costurar, sei fazer um site, sei fazer mídias sociais, sei fazer muito mais do que aquela relação profissional. Me descobri como Verônica e muitas funcionalidades, chegando, finalmente, ao texto que escrevi sobre o divórcio".

"Estava eu comentando com alguns amigos sobre essa questão do jornalismo dentro de mim. Falando com eles, fiz a metáfora do casamento do relacionamento abusivo", ela para.

Neste instante, Verônica se lembra de um fato muito importante que, segundo ela, faz toda a diferença: "Quando eu voltei do Canadá, recebi uma proposta

de freela muito ruim. Era horrível, escrever muitos cadernos, fazer muitas coisas por um salário horrível. Mas não estou criticando o que eu ia fazer, mas sim a proposta, a proposta era horrível. Foi então que meu namorado, naquela época, viu que eu estava pensando em aceitar porque precisava do dinheiro, porque se eu recusasse, iria fechar as portas. Ele virou para mim, isso lá no começo, e falou que eu era como uma mulher que o marido bate e não tem coragem de denunciar. Isso foi chocante para mim e senti muita coisa na hora e isso me fez refletir. Anos depois, quando já tinha meu grupo de negócios, utilizei essa metáfora e cheguei à conclusão que eu estava neste relacionamento abusivo e soube que eu precisava me desconectar. Me desligar da parte ruim dele".

Após essa conclusão clara em sua mente e depois de ter ficado muito tempo sem escrever, Verônica sentou, pegou uma taça de vinho e como uma boa jornalista, escreveu como ela estava se sentindo e daí, surgiu o texto: "Fiquei com medo de publicar, mas depois de uma taça de vinho, eu não queria mais saber de nada. Eu não estou falando mal do Correio, não estou falando que todos os jornalistas se sentem assim, não, falo que isso acontece comigo. Foi com esse texto que meu divórcio saiu. Eu assinei meu divórcio com o jornalismo com este texto. Era a hora de abrir o Tinder das habilidades".

### **A identificação**

Após a publicação do texto, Verônica conta ter se espantado com a identificação das pessoas: "Em questão de minutos tinham 100 curtidas, depois 200 e os comentários não paravam de chegar. Não era isso que eu queria, era algo muito pessoal meu. Depois disso, um site de notícias me ligou e pediu para publicar meu texto. Nesta hora, tive a ideia da dimensão que isso tomou. Eu não fiquei feliz pelo meu texto es-



tar sendo divulgado. Eu fiquei triste naquele dia e não conseguia entender. Levei este caso para a terapia e descobri que eu publiquei esse texto, no inconsciente, esperando alguém me dizer que eu estava errada, só que veio uma enxurrada de gente dizendo que eu estava certa. Outro conflito na mente. E, então, fui percebendo que eu não deveria estar triste ou decepcionada e que isso era o que eu sentia e pronto”.

O sucesso do texto foi tanto que a jornalista já começou a escrever um livro sobre o divórcio com o jornalismo: “Vou contar, com muito mais detalhes, tudo isso que eu contei. Eu vejo muito isso na nossa profissão. Acredito que o vício na profissão não é saudável. Eu enxergo

outro tipo de jornalismo, não é porque eu me divorciei que eu mudei de profissão. Eu continuo sendo jornalista, continuo escrevendo meus textos. Eu consegui ser a jornalista, em outro patamar. Consegui enxergar novos jeitos de usar a profissão. Dá para usar o jornalismo com o marketing sim, com tecnologia, com programação, com publicidade, com empreendedorismo. Hoje não funciona mais sozinho”.

“Esse texto diz muito, porque eu tenho certeza que tem muita gente com essa mesma angústia, mas não consegue identificar o quanto esse relacionamento com a profissão é abusivo. Somos obrigados a aceitar, muitas vezes, propostas ridículas, para poder encher a gela-

deira e isso não pode mais continuar acontecendo. Não existe nada mais generoso do que cobrar pelo seu trabalho, quando você cobra pelo seu trabalho, quando você faz uma venda, é uma das formas mais generosas de você entregar o que tem para as pessoas, porque ao comprar as pessoas têm mais compromisso. É uma coisa que os jornalistas não entendem ainda, mas tenho esperança que essa visão vai mudar”.

“Se eu tiver que escolher entre ser uma jornalista frustrada e miserável e ser a Verônica com grana para fazer as coisas que quero e ajudar cada vez mais as pessoas com meu conhecimento, sinceramente, prefiro ser a Verônica”.





PERSONA

# TER QUE TER CORAGEM. E FÉ

GABRIELA BRACK

*“Tenho  
expediente  
pra tudo! Até  
nasci sozinha”*



**J**á sentiu que precisava fazer algo, sem saber ao certo a razão? Uns chamam de inconsciente. Ou de voz interior. Eu chamo de intuição. E ela despertou em julho, numa noite, numa sala da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), de um encontro que eu nem fazia parte, de um partido que eu nem sou filiada, com pessoas que em sua maioria eu nem conhecia. Foi assim.

Era um encontro de mulheres, com objetivos já determinados em função das pautas de mulheres no partido. E eis que ela faz sua fala. Simples, curta, mas inspiradora. Mas a intuição só veio depois.

Algumas mediações, a ligação que faz o pedido e o tema acolhido com aquela mesma fala mansa, mas firme. Alguns episódios instigantes, mas o momento chega. Enfim, ali, na mesa da cozinha (onde no final pude experimentar o acolhimento mineiro que em quase 5 meses não veio), os 81 anos de idade foram resumidos na mais valiosa vivência-licção da travessia: a luta.

O *Persona* apresenta Ana Maria Cardoso. Ou dona Ana. Mulher. De luta. Danada, como dizia sua mãe, Maria, nascida da Lei do Ventre Livre, filha de escrava.

### **ComTempo – A senhora é nascida em Uberlândia mesmo?**

**Dona Ana** – Sou nascida em Dolores do Indaiá, Sul de Minas. Fui criada só na roça. Com 9 anos fui para a casa de uns fazendeiros que eram meus “padrim”, e criei lá, assim... trabalhando. Disseram que iam só tomar conta de mim, mas eu fui tomar conta dos filhos deles, foi diferente.

### **ComTempo – E os pais da senhora? Seus irmãos?**

**Dona Ana** – Meus pais sempre trabalharam na roça, tive 9 irmãos. Inclusive eu nasci sozi-

nha! (risos). No dia do meu nascimento (14 de janeiro de 1938), só estava eu e minha mãe. O pai era carreiro de boi, tinha ido levar coisas na cidade pro fazendeiro. Naquele tempo era parteira, mas não tinha quem ir atrás dela. Foi durante o dia. O horário a gente nem sabe, porque não tinham nem relógio em casa. Mas minha mãe fala que poderia ser ali pelo meio-dia. E foi sozinha (confirmando com um sorriso). Acho que é por isso que sempre falo que tenho expediente pra tudo! Até nasci sozinha, então tem que se virar! (risos).

### **ComTempo – A senhora sempre viveu na roça?**

**Dona Ana** – Me casei com 17 anos. Conheci meu marido na roça. Os pais dele eram donos de lavoura de café, Avelino Antunes Cardoso. Vivemos 54 anos casados, criamos 15 filhos. Foi uma luta muito grande nas roças, 20 anos trabalhando em carvoaria, um peso muito grande, porque a carvoaria não é fácil. Até que chegamos a pegar uma terra da Reforma Agrária (no Assentamento Rio das Pedras). Vivemos lá por 13 anos, meu marido faleceu quando vim embora para dentro da cidade, mas numa paixão grande (sorri), porque quem morou só na roça, né, para depois ficar na cidade, não é fácil. Sente muita falta. Mas mesmo assim eu vou pra lá, porque tenho uma filha que mora no assentamento (Fazenda Tangará). Fico uma semana, para descansar a cabeça... Aqui dentro de casa tenho 3 filhos homens ainda, um é casado, mas a esposa trabalha também. Tenho 81 anos, e tomo conta de tudo. Nas folgas da nora, às vezes ela dá uma faxinazinha, mas é raro. Eu mesma (risos)... Um dos meus filhos, que é neto, porque eu crio desde que a mãe foi embora, quando ele tinha 1 ano, me ajuda, lava a garagem, a cozinha... Coisas mais pesadas, que precisa esfregar, ele faz. Mas eu que

faço tudo (risos).

Meu marido era muito trabalhador, um homem bom. Muito sistemático, mas muito bom! Para os filhos foi uma perda muito grande, até hoje lembram. Era muito filho, mas fome ninguém passou. Se fosse preciso ele trabalhava dia e noite. No final da vida já tínhamos terra, produzimos bastante coisa... Tínhamos umas 30 vacas, muito porco, galinha, tudo. O pomar era uma coisa linda. Está lá até hoje. Troquei a terra por duas casas, só que não gostei do lugar. Teve a falta do marido e o meu filho, pai desse menino que crio, morava comigo e adoeceu com câncer. A vida estava muito difícil, não gostei do lugar, que era muito barulhento, e meu filho tinha essa casa aqui. Ela estava tão feia, mas preferi trocar. Não fosse isso, eu estava no assentamento até hoje. Tem gente que diz que não gosta, não vale a pena, mas pra quem trabalha, vale a pena! A casa da minha filha é a coisa mais linda: ela faz doce de tudo, tudo, tudo! Vende ovos, vendia frango, mas agora está proibido, proibem tudo, né? Domingo fui na casa de uma amiga minha, e ela tem tudo na horta, a coisa mais linda! Volto sempre lá, vejo o que estão produzindo...

### **ComTempo – Encontramos a senhora através de sua participação no PSOL. Conte-nos sua trajetória no partido.**

**Dona Ana** – Hoje em dia participo muito pouco, pela idade. Tenho artrose na coluna, e ataca também as pernas e os ombros. Quando saio, tenho a muleta em punho. Mas atuava muito no PSOL. Fui uma das primeiras pessoas a assinar na ata pelo lançamento do partido, em Brasília-DF. A Dra. Marilda, que era advogada e uma “cabeça” do partido, hoje não está no PSOL mais, me chamou para ser a madrinha do partido. Me esqueci dos nomes das pessoas, porque



tem tanto tempo! (tentando se lembrar). Mas lá estavam os “cabeças”, e no momento de assinar a ata, fui a primeira mulher camponesa a fazer isso! Muitas outras pessoas assinaram, mas a primeira mulher do campo fui eu (risos). Me aproximei do PSOL por essa advogada, mas principalmente porque estava sempre envolvida na política. Era muito ativa junto ao PT, porque tínhamos o Gilmar Machado, que já foi deputado e também prefeito de Uberlândia; e principalmente por conta da Pastoral da Terra, Criança, Operária... Sempre trabalhei com a igreja. Mas quando surgiu o PSOL, recebi o convite e fiz parte. O importante é que seja de esquerda. Porque a “direitona”... para o pobre não adianta (com um sorriso desconfiado). Já fui convidada a me candidatar tanto pelo PT como pelo PSOL, mas rejeitei. E ainda tive um amigo na direita, que também me convidou. Quando chegava perto dessas pessoas, é como se eu

não existisse. A direita tinha interesse em mim por eu ter muito conhecimento com o povo da minha área. Muitos políticos de Goiânia, por exemplo, amigos, faziam questão de me visitar na roça. A Jorgetânia (Ferreira, também integrante do PSOL), conheço desde quando era casada, o ex-marido dela era muito meu amigo... Em encontros de movimento e do partido, todos os jovens vinham nos abraçar. Antes eu gostava de falar que minha cabeça era um computador, guardava tudo! Agora fiquei danada para esquecer os nomes das pessoas (risos).

**ComTempo – E como a senhora enxerga a atuação do PSOL?**

**Dona Ana** – Quase ninguém falava do PSOL. Era mais nossa turminha dos “sem-terra”, como as pessoas chamam, os assentados. Mas aqui e para fora, então... O PSOL cresceu muito! Aquela menina, Marielle (Fran-

co), tinha uma força danada... Não a conheci, somente vi pela TV, revista, mas só de vê-la, já tinha um carinho pela luta dela. Esses outros partidos, principalmente da direita, têm ciúmes que o PSOL está crescendo. Mas com ciúmes, sem ciúmes, não vai deixar de crescer! O PSOL é o partido que está junto com o povo da roça, do campo, das pessoas “sem-teto”... Precisamos de um partido popular, que veja a dor do pobre. Os outros ficam lá, de boa, naqueles gabinetes, e não veem o que quem está na pobreza passa. E agora que entrou esse Bolsonaro ainda... Por isso temos que ir à luta! Lutar para que quando esse homem sair de lá, volte uma esquerda, ou então será difícil. E para o povo do mato, mais difícil ainda. Trabalhamos, mas na hora de vender a produção, somos barrados. Nunca tem uma cooperativa que dê a certificação, por exemplo... A Prefeitura não ajuda, e as pessoas do campo não dão







conta de manter isso sozinhas. E tudo o que vão vender são barrados. Quem vende verdura de folhas, consegue, mas nesse tempo é difícil demais! Tem que ter liberdade de vender tudo o que produz na roça! Isso mexe com os latifundiários. E não deixam o pobre vender de jeito nenhum. Tudo é muito renegado. Eles conseguem pagar tudo quanto é registro. E nós? É produzir para deixar apodrecer. Há muitos assentamentos em Uberlândia, que eram do movimento, então, tem demais! Mas o movimento parou, porque com a política que temos agora, nem adianta fazer ocupação. Todos estão sendo muito judiados. As nossas ocupações era mais pacíficas (risos).

**ComTempo – A senhora participou de muitas ocupações?**

**Dona Ana** – Não sei nem falar quantas! Cheguei a ter revólver na minha cabeça. Minha colega Dulce estava comigo. Ela foi se

afastando devagar, saindo... Mas eu, sei lá! Deus nos dava uma coragem, que eu não saí do lugar não! O rapaz estava bêbado, era filho de fazendeiro, dono da fazenda que tínhamos ocupado, e eu só disse pra ele, “eu nasci uma vez só, e vou morrer uma vez só também, do mesmo jeito que você. E às vezes você acha que eu morro aqui, e quem morre primeiro é você”. Nós fazíamos uma “portaria” nas ocupações, quando ele chegou com os jagunços, e as polícias ficaram lá em cima. Já chegou dizendo “quem é a tal da dona Ana ladrona de terra?”, porque já sabia que eu era liderança. E eu disse “Ana sou eu, mas não sou ladrona, fizemos ocupação porque essa terra está improdutiva”. E ele disse, “pois é, e se a senhora não ocupar terra mais?”. Aí o Jorge, um amigo que estava com a carabina atrás da moita, falou pra ele olhar o que estava mirando. Os caras que estavam com ele o agarraram e saíram arrastan-

do. A polícia veio depois, mas se fosse pra ele atirar, teria atirado com ou sem polícia. A gente sabia que eles só queriam assustar. Mas tem que ter coragem. Não tinha medo quando aparecia polícia nas ocupações... Já fui processada muitas vezes. Já debati demais com Breno Lins, agora juiz, mas na época era promotor. Ele não gostava nem da minha sombra. Depois que me afastei do movimento, não vejo mais essas pessoas, até durmo melhor (risos).

**ComTempo – Como a senhora passou a fazer parte dessa luta por moradia?**

**Dona Ana** – Minha luta começou em Belo Horizonte, num bairro que hoje é uma parte do Jardim América. Meu pai vendeu tudo o que tinha em Dolores do Indaiá, e foi comprar um lote em Belo Horizonte. Como era roceiro e não conhecia nada, deu dinheiro a um tio meu, que era casado com uma irmã da minha mãe. Esse



tio pagou a primeira prestação e gastou o resto do dinheiro. Eu era casada, só tinha dois filhos na época, fui morar com eles, e passou 2 meses recebemos uma carta de despejo para sair do lote. Meu pai ficou sem entender... Mas eu toda vida fui mais viva. Falei “pai, o tio Afonso é capaz que comprou esse trem a prestação e gastou o dinheiro”. Chamei uma prima minha e fomos procurar a imobiliária. Vimos que só tinha sido paga uma prestação, e tínhamos que pagar todas as vencidas, senão seríamos despejados. Meu tio deu toda a desculpa, não pagou e veio o despejo outra vez. Meu pai não tinha mais dinheiro. Minha prima e eu ouvimos falar que estavam ocupando lá no Jardim América, fizemos nosso barraco com uns pedaços de lona, e nos mudamos. Essa ocupação me deu tanta dor de cabeça... Porque nesse tempo tinha a polícia da cavalaria, eles passavam à tarde ou à noite e arrancavam os barracos todos. Não tinham piedade. Um dos companheiros quis reagir e foi amarrado no rabo do cavalo e arrastado. Eu falei “não podemos mais deixar isso acontecer”. Essa foi minha primeira luta porque a gente viu o sofrimento. Falei com o povo que tínhamos que reagir, não deixar a cavalaria arrancar mais os barracos. A cavalaria vinha lá da Nova Granada, e conseguíamos vê-la descer de longe. Eu disse “quando eles estiverem vindo, os homens vão se esconder, quem eles querem machucar, e a gente vai pegar as crianças e ficar na linha de frente”. No dia que eles apareceram, eu peguei a Suelena, que era neném de braço, e fui pra frente. Ela tem uma história, por isso é da luta (risos). Minha prima pegou um dos filhos dela, as outras mulheres foram, e quando a cavalaria chegou, um dos capitães queria passar. Eu falei “passa, senhor. Vai matar um tanto de criança aqui e quantos anos vai pegar de cadeia? Porque nós não temos pra onde ir, e vamos



ficar aqui”. Ele abaixou a cabeça, pensou, eu falei “nós não temos pra onde ir, não adianta vocês fazerem isso toda vez que vem cá”. Ele pensou, pensou, virou o cavalo e gritou com eles. Recuaram. Hoje minha família mora quase toda nesse lugar, onde é o assentamento do Jardim América. E a Suelena é a relíquia (risos).

### **ComTempo - Recado para as mulheres de luta.**

**Dona Ana** – O lembrete que deixo é inspirado na fala de uma menina de 15 anos do Assentamento 7 Irmãos (lembrando do dia do encontro na UFU): minha luta não foi fácil, foi grande, e até hoje tenho orgulho do que fiz. Digo principalmente para a mulher do campo. Primeiro a fé em Deus, e depois muita coragem. Como disse no encontro, primeiro fé em Deus, depois dá um nó na saia e segue em frente que a mulher chega lá. E eu cheguei. Fé em Deus e coragem. Dá um nó na saia e vai. Como aquela menina que eu vi falando no encontro. Um dia ela será Ana Cardoso. Se for preciso eu vou de novo, mas me aposentei (risos). Deus nos dá um dom pra tudo. E isso é muito bom, porque você deixa um rastro!

Muitas pessoas, quando chego no assentamento, me dizem “foi por essa mulher que consegui essa terra”. Muitos têm vaca, porco, plantação e não estão arrependidos de ter saído da cidade e ido pra lá. Pra mim é uma satisfação. O que eu tenho está bom demais, não precisa mais não! Comecei nova, pela grande precisão de não ver meu pai e minha mãe na rua. Toda a vida na roça, plantava, colhia, e foram pra cidade, mas quase que vai é pra rua todo mundo. Se não fosse eu e minha prima... Minha mãe falava que a gente era danada! (risos). Minha prima já faleceu, se chamava Conceição, e nós duas que enfrentávamos tudo. Companheira de luta. Muito danada também, como dizia minha mãe.



Você sabia que a ComTempo está no WhatsApp agora?

Jura? Que bacana! Me manda o número deles?

Claro! É esse aqui: 16 99209-4533

É só mandar alguma mensagem pra eles que você vai receber todas as matérias em primeira mão!

**MANDE UM OI PRA GENTE!**



/comtempo



16 99209-4533



/revistacomtempo



revistacomtempo.com



/in/revista-comtempo



revistacomtempo@gmail.com